

A black and white photograph showing the lower half of a person, specifically their legs and feet, as they walk. They are wearing light-colored, possibly denim, shorts. The person is walking on a dark, textured surface, possibly a sidewalk or pavement. The lighting is dramatic, highlighting the contours of the legs and the texture of the shorts. The overall mood is candid and artistic.

FOTO CINE

Boletim

ANO VII

— N.º 77



AnSCO

uma garantia para
profissionais e amadores

MESBLA

Rua 24 de Maio, 141 - SÃO PAULO



Filmpack

Fimlano

FILMES:

Rollfilm branco / preto e colorido

Filme para Raio X

Filme para Artes Gráficas

Filme 35 m / m negativo

Filme reversível de 8 e 16 m / m branco / preto e colorido



Ver e vencer com a Rollei

CONCORRA AO
Grande Concurso Fotográfico Nacional
"Rollei":

"ASSIM EU VEJO O BRASIL"
Cr.\$ 20.000.00 em prêmios!
Peça o regulamento e boletim de inscrição
ao seu fornecedor ou a:

H. SCHNEIKER & CIA.
Cx. Postal, 294 — CURITIBA, Pr. — ou ao
FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE
Rua Avanhandava 316, S. PAULO.



Rolleiflex
Rolleicord

ÓTICA FOTO-MODERNA

R. Marconi, 44 — Fones: 34-7582 e 32-9197

Comunica aos seus distintos clientes que acaba de receber da
Alemanha e dos Estados Unidos

Filmes e Papeis AGFA e KODAK

(importação própria)

bem como grande sortimento de tôdas as marcas de
aparelhos fotográficos desses países.

x) Descontos especiais aos sócios do Foto-cine Clube Bandeirante.

ÓTICA FOTO-MODERNA

R. Marconi, 44 — Fones: 34-7582 e 32-9197

SÃO PAULO — BRASIL

BONS CLICHÉS

PARA OBTER



Atualidade
Precisão
Perfeição

FORTUNA & CIA^{LDA}

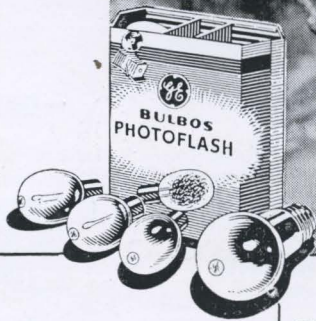
RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 32-3492

SÃO PAULO

ARTE
FOTOGRAFICA
- DO PRINCIPIO
AO FIM!

BULBOS PHOTOFLASH G-E

Desde a seleção do material - fator imprescindível - até o instante em que o "flash" é batido - tudo em fotografia exige a maior atenção e cuidado dos amadores e profissionais, quando desejam obter os melhores resultados. Por este motivo, prefira sempre os Bulbos Photoflash G-E, que lhe dão a segurança indispensável para conseguir boas fotografias!



8 587

GENERAL ELECTRIC S.A.

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - RECIFE - SALVADOR
PÔRTO ALEGRE - CURITIBA - BELO HORIZONTE

USE
BULBOS PHOTOFLASH



**KOSMOS
FOTO**

ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS

RUA SÃO BENTO 288,
TEL.: 2-5882
SÃO PAULO

MAR
CUS

COCKSHUTT

para todos os serviços da fazenda

Fabricado no Canadá
Linha completa de implementos
Garantia de peças e assistência
técnica em todo o País.

CIA. FÁBIO BASTOS

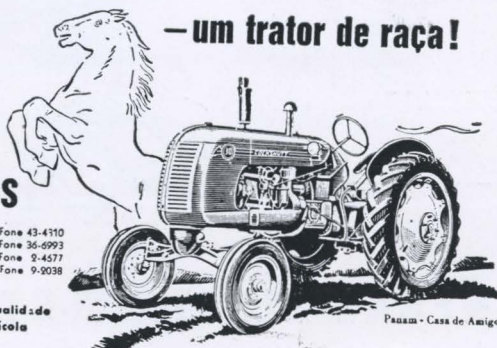
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

RIO DE JANEIRO - Rua Teófilo Otttoni, 81 - Fone 43-4310
SÃO PAULO - Rua Florêncio de Abreu, 828 - Fone 36-6993
BELO HORIZONTE - Rua Tupinambás, 354 - Fone 2-4577
PORTO ALEGRE - Av. Júlio de Castilhos, 33 - Fone 9-9038



O mais alto padrão de qualidade
em equipamento agrícola

— um trator de raça!



Panam - Casa de Amigos



Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação

Dr. Jacob Polacow

Colaboradores:

Aldo A. de Souza Lima**Antonio S. Victor**

Correspondentes no

Estrangeiro:

Marius Guillard
Lion, França**Domenico C. Di Vietri**
Roma, Itália**Ray Miess**
Wisconsin, EE. Unidos**Georges Avramescu**
Arad, Rumania

Redação e Administração:

R. São Bento, 357 - 1.º and.

São Paulo — Brasil

NOSSA CAPA

Foto de

F. ALBUQUERQUE

(Do XI.º Salão)

SUMÁRIO

A NOTA DO MÊS	7
VENDO E OUVINDO O 11.º SALÃO	8
ALDO A. SOUZA LIMA	
A CONTRIBUIÇÃO DA FOTOGRAFIA (II)	14
ROLAND BOURIGEAUD	
DO NEGATIVO À AMPLIAÇÃO	20
ALBERTO GRANDINELLI	
A INAUGURAÇÃO DO 11.º SALÃO	23
CARTA DE NOTÍCIAS	28
RAY MIESS	
O 11.º SALÃO NA CÂMARA MUNICIPAL	29

ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS — O BANDEIRANTE NO
EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS
SALÕES — VÁRIAS.

Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro	Cr.\$ 60,00
Para o exterior	Cr.\$ 100,00

ORGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe for dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrosim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Tôda correspondência deve ser dirigida para a séde social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avandava, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

SOCORRO MECÂNICO

GRATIS!

é apenas uma das muitas vantagens
garantidas aos nossos sócios!

Economise muito dinheiro com seu carro tornando-se sócio do Automóvel Club do Estado de São Paulo; com a modesta anuidade paga, V. S. receberá muitas vezes multiplicada a importância dispendida, pelas muitas vantagens que lhe são oferecidas

POSTOS DE ASSISTÊNCIA EM:

S. PAULO: R. Martim Francisco, 53
Fone: 52-5713

SANTOS: R. Senador Feijó, 215
Fone: 2-5682

CAMPINAS: Será instalado brevemente.

Para bem servi-lo



Departamento de Socorro Mecânico - Departamento Jurídico
Departamento de Seguros e Acidentes - Departamento de
Informações - Departamento de Turismo - Departamento de
Despachos - Departamento de Mensageiros - Departamento
do Interior - Departamento de Oficinas.
Garagens e Postos de Serviço.



AUTOMÓVEL CLUB DO ESTADO DE SÃO PAULO

o mais completo serviço de assistência mecânica do Brasil

FUNDADO EM 1935

A Nota do Mês

Acolhido da maneira a mais favorável pela crítica especializada e pelos milhares de visitantes que durante mais de trinta dias o percorreram, o XI Salão Internacional promovido pelo Foto-cine Clube Bandeirante veio confirmar a linha evolutiva da Arte Fotográfica, já demonstrada nos certames anteriores, em busca de formas de expressão próprias e peculiares á fotografia e inteiramente libertas das convenções ou da influência que as demais artes gráficas e plásticas inicialmente exerciam sôbre ela.

No próprio ecletismo da exposição — orientação que nos parece realmente a mais acertada para certames dessa natureza e também a mais elucidativa e proveitosa para os estudiosos da arte fotográfica — o espectador pode sentir ao vivo que a fotografia, quando utilizada como meio de expressão artística, não é mais a mera reprodução mecânica das cousas.

Aproveitando todos os extraordinários recursos que o aperfeiçoamento técnico lhe permite, desde as poses mais longas aos imperceptíveis instantâneos de milésimos de segundo, da radiosa e perene luz solar ao relâmpago eletrônico, do esmaecimento das linhas á definição mais acurada da matéria, a fotografia deixou de ser mera cópia dos objetos ou a representação pura e simples dos assuntos colhidos pela objetiva fria e insensível dos aparelhos fotográficos.

Muito ao contrário, o que se nota é que, tratados de forma clássica ou fugindo ás convenções no arrôjo das tendências e pesquisas estéticas hodiernas, os quadros expostos demonstram haver o artista-fotógrafo se libertado completamente da máquina e da técnica, subjugando-as e utilizando-as a seu bel prazer para imprimir aos seus quadros a sua própria maneira de ver e sentir as cousas, aquele cunho pessoal e peculiar a cada temperamento que distingue a obra comum da obra verdadeiramente artística e criadora.



Vendo e ouvindo o 11.º Salão

É curioso notar o poder que certas cousas, simples objetos, através de um psiquismo que lhes emprestamos, exercem sôbre nós. Mais um caso de creatura que se volta contra o creador...

Sim, pois desta forma uma existência puramente material cria alma, se espiritualisa, mediante a valorisação que lhes damos em nossa psique. Passam a ser parte de nossa vida, discutem conosco nossos problemas, apoiam ou discordam de nossas resoluções e quando a dúvida nos embarça procuram dominar, usando as mais diversas artimanhas: ora originam a desagradável sensação de insatisfação íntima em que nos tornamos auto-antagônicos, ora aguardam os momentos de exaustão e neles tentam fazer imperar o seu ponto de vista.

Assim é com meu pequeno diário. É um caderninho comum, feiosinho, de uma côr indefinida... tão indefinida quanto suas próprias convicções. Nele encontro avisos que evitam dissabores, lembranças que desanuviavam momentos de "spleen", observações que aconselham cuidado, demonstrando o caráter de muitos que nos cercam. Enfim é um livrinho amigo... mas irritante! A constancia com que tem razão é, positivamente, desagradável. Não se ilude, não se engana com manifestação de aprêço, não se deixa levar por novas aparências de amizade. Simplesmente registra, lembra e procura esclarecer situações separando o joio do trigo. Assim foi a — de Setembro. Já há dias vinha pospondo o costumeiro encontro com meu diário afim de trocarmos impressões sôbre o 11.º Salão de Arte Fotográfica do nosso Clube. Nesses dias percorrera várias vêzes o Salão, ouvira os mais descontraídos comentários, fôra sabedor de críticas ferinas e elogios bombásticos. Tal diversidade deixara-me confuso e temia encontrar maiores dúvidas ao discutir, comigo mesmo, através as folhinhas brancas do querido livrinho. Dia —, finalmente, não foi mais possível contornar a situação. Chegando em minha mesa lá estava o caderninho, acintosamente postado como em surdo desa-

Crônica de

Aldo A. de Souza Lima — F. C. C. B.

fo. Com o Catálogo em mãos procurei ordenar as idéias. Vinham á mente lembranças fugidias de passadas discussões que somente serviam para piorar a situação. Olhava as reproduções e novas dúvidas me assaltavam.

A hora passava e meu diário aguardava absolutamente imaculado. A página branca lá estava como mensagem de paz. Paz do cair da noite, aquela hora sutil, azul dizem alguns, triste digo eu, em que o mundo, por assim dizer, se imaterializa. As cousas perdem sua forma, confundem suas cores, se afastam, se perdem, enquanto um leve torpor escurece a consciência — é o domínio espiritual do subconciente. Sons confusos se mesclam, transformando-se em monótono unísono e mais aumentam o langor que se apodera de todo o mundo.

A folhinha branca confundiu-se nesta espiritualização geral, cresceu, desenvolveu-se e... ali estava o retângulo iluminado dos portais da Galeria Prestes Maia. O ambiente está quieto, etéreo, irreal, cheio da sonora quietude dos grandes ambientes silenciosos. Pelos claros portais entram três figuras de pantomima. A primeira alta, ereta, pálida, nariz adunco, olhos duros, boca desdenhosa, roupa escura, colarinho duro, colete, chapéu côco e... uma figura de Dickens. Quietamente, compenetrado, passou os olhos pelo vasto ambiente em redor e pelos pequeninos quadros, em longas filas dispostos, perpassou um rápido arrepio. A outra figura era bem diversa. Um homem igual aos outros. De alta testa, olhar franco, boca sensual com enérgicos maxilares, vestia-se a "sport" acentuando o amplo torax e a bela e saudável complexão. A terceira, porfim só tinha de especial o olhar indagador onde a incertesa se manifestava por uma desagradável expressão de insatisfação. Deixaram seus nomes no livro de visitantes. O interesse despertado por aquele estranho trio fez com que me aproximasse afim de lêr seus nomes! Lá estavam na mesma ordem: Escolástico Ribeiro, A. Tual e João da Silva. Tais nomes mais ainda acirraram minha



curiosidade e segui-os em sua visita ao Salão ouvindo seus comentários, discussões e conclusões... se houveram. Logo de início a figura de Dickens, com voz grave, dogmática e doutoral observou:

E. — Julgo acertado, antes de iniciarmos nosso estudo, observarmos os trabalhos da comissão julgadora.

Desta forma já se poderá aquilatar o que teremos pela frente.

Imediatamente João da Silva interpelou:

J. S. — Porque ?

E. — Evidentemente os julgadores selecionaram os trabalhos de acôrdo com suas tendências. Para isto foram escolhidos. Isto é, para que o conjunto seja uno e manifeste uma escolha.

A. T. — Concordo em parte e discordo noutra. Lógicamente os julgadores selecionaram os trabalhos com o intuito de apresentar um conjunto equilibrado, mas não creio que tenham por objetivo incrementar esta ou aquela escola e, muito menos valorisar suas próprias tendências. O Salão tem por objetivo a apresentação de trabalhos de valor no sentido mais eclético possível.

E. — ... e isto é um grande mal. O excesso de liberdade que se quer dar ao artista jovem e imaturo dá como resultado as aberrações que hoje vemos sob o nome de arte.

A. T. — Neste assunto, pelo que vejo, estamos no mais completo e absoluto desacôrdo. É verdade que as aberrações existem, e muitas, mas não foi a liberdade de ação, de expressão e de meio, que lhes deram origem. Foi, isto sim, a deficiência artística do autor acompanhada de êrro crítico ou da

interferência de interêsses alheios a arte pura. A verdadeira criação precisa de horizonte, de arejamento, de infinito. Tôda a criação amarrada, determinada por êste ou aquele ensinamento direto, deixa de ser espontânea; é, indiretamente, uma repetição, uma cópia.

Escolástico, após tais observações mantinha-se em sua atitude absolutista. Não descia do alto pedestal em que se colocara para tecer armas comuns.

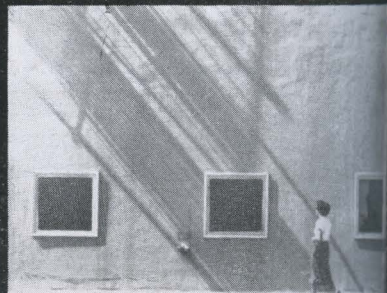
João da Silva absorvia com vivo interêsses os conceitos que se esplanavam. E perguntava:

J. S. — Mas como seria uma dessas aberrações ? Existe alguma por aqui ?

E. — Meu filho, pelo que me é dado ver vamos tê-las aos quilos. Olha êste trabalho de um dos membros da comissão. É um atentado ! Esta foto totalmente mexida, sem definição perfeita de contôrnos, sem requintes de detalhes. É um caso típico. A imperfeição da tomada originou êste absurdo que o autor nos quer impingir por manifestação de arte.

A. T. — Tenha a santíssima paciência. Esta asserção do amigo transcende ao absurdo.

E. — O que ? Quer me dizer que as possibilidades das câmeras, das objetivas, dos materiais sensíveis foram utilizados com acêrto ao ser obtida esta foto ? Não se esqueça que o emprêgo acertado dos meios fotográficos de hoje nos permite a obtenção de chapas preciosas em décimos-milésimos de segundo ! São pouquíssimos os movimentos que não se reduzem em tamanha rapidez, permitindo um apuradíssimo registro da forma.



A. T. — Tudo isto é verdade de conhecimento comum. Sim, o aparelhamento atual é fantástico; permite o registro da forma, como disse o douto amigo, em tempos infinitesimais, mas... e o registro do espírito da cena? Também depende de elementos materiais ou exigem atributos puramente interpretativos, psíquicos e fantasiosos para sua transmissão? O trabalho em aprêço é puramente interpretativo. É uma cena de gênero propriamente dita. Assim a chamo por ser, antes de mais nada **uma cena**. Os elementos de gênero são determinantes mas não dominam absolutamente. Eles fazem parte da cena, lhe dão espírito, ambiente, razão de ser. No caso a foto nos expressa a ação do sêr e não o sêr em ação. É o trabalho exaustivo no ambiente impuro dos fôrns. O autor soube acentuar justamente os atributos da idéia e, para acentuá-los, em lugar dos maneirismos clássicos, usou a fórmula atual, mais lógica aliás, de subordinar os elementos secundários diminuindo sua definição.

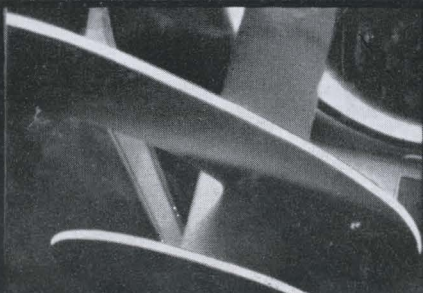
E. — Mas o amigo pretende me dizer que as figuras humanas, nesta foto, são elementos secundários?

A. T. — De certa maneira sim. Suas formas, seus atributos materiais, são absolutamente secundários; são essenciais o seu esfôrço, seu movimento, seu trabalho. São sêres humanos e não homens, se assim me faço compreender. É a faina dos sêres desconhecidos, impessoais; seus semelhantes sabem que existem através do seu trabalho e não de sua pessoa. Até sob êste aspecto puramente psico-social o autor soube transmitir sua mensagem.

E. — Mas para isso não haveria ne-

cessidade de termos esta imagem tôda borrada. Não vemos o movimento de forma indefinida. O ôlho humano está apto a ver qualquer ação sem perda de definição. Não vejo pois justificativa para êste defeito. O autor poderia, quiçá, utilizar-se de outros processos para exprimir-se sem cair neste êrro primário.

A. T. — O mal do amigo é amar tanto as palavras e julgar que simplesmente por dizê-las tornam-se, implicitamente, verdades. Tôda crítica antiga, de certa forma, usava êste princípio. Vejamos: a imagem não está borrada, o ôlho humano não vê desta ou daquela forma mas sim como quer vê, e, finalmente, não houve êrro algum. Em lugar disto diremos: Primeiro — a imagem tem seus contôrnos levemente indefinidos, corroborando na expressão de ação bem como na existência de fumaça no ambiente; segundo — a vista humana não vê quase nada como realmente é mas sim como o cérebro sabe, ou supõe que deva ser. Realmente ao vermos qualquer movimento temos impressão de que seus contôrnos estão perfeitamente definidos; porém assim é, porque sabemos que o movimento não afeta a estrutura do corpo. Todavia será bastante olhar através da janela de um trem em movimento, com a mirada fixa e perpendicular ao curso da estrada, para que todos os elementos que passam diante de nossos olhos percamos sua definição. Em terceiro lugar diremos que houve uma excelente interpretação do autor e não um êrro grosseiro de principiante, como quer o Amigo. Caso contrário, a fotografia não passaria de um documentário, e nada mais...



E. — Bem, deixemos o assunto e vejamos outros trabalhos.

João da Silva começava a entusiasmar-se. Começava a compreender toda a grande possibilidade do vasto campo artístico da fotografia.

A. T. — Eis, p. ex. um belo trabalho expressivo.

E. — Sim, não há dúvida. Gostaria, porém, de mais um pouco de detalhes na parte inferior e lateral esquerda. O rosto ressaltando neste conjunto totalmente negro fica sem suporte; de certa forma desequilibra-se.

A. T. — Não existe aí um rosto, uma pessoa, uma figura. Existe única e exclusivamente, uma expressão, uma emoção, uma alma que sofre. O rosto nos transmite este estado de alma e a êle subordina-se.

O ambiente sombrio corrobora no conjunto emocional acentuando seu poder expressivo.

E. — Bem; seria um detalhe técnico.

J. S. — E isto é indispensável não é?

E. — Sim, mais do que indispensável. A técnica perfeita é elemento básico e primordial de qualquer arte.

A. T. — Dito assim parece que a técnica é quase tudo na arte. Não é verdade. A técnica é um elemento essencial de realização da obra de arte. É básica no artesanato e não na arte propriamente dita. É o elemento material que permite a apresentação da arte imanente do artista. Evidentemente a técnica, isto é, a parte referente a fatura da obra de arte, deverá condizer com esta mesma obra e não desmerecê-la mediante uma realização má. Assim colocamos as cousas em seus devidos lugares: a arte cria —

é o trabalho espiritual — e a técnica permite a sua fatura, sua realização material — é o artesanato.

P. — Pelo que vejo o Amigo desmerece a perfeição técnica em favor da concepção pura?

A. T. — Evidentemente. A técnica pode ser obtida mediante um trabalho contínuo mais ou menos longo. O poder de criação é dom, é faculdade natural e não consecução puramente material. Este mesmo trabalho que temos diante dos olhos apresenta defeitos técnicos mas seu poder de criação, de concepção supre estas pequenas falhas a ponto de merecer os seus próprios elogios.

E. — Sim, sim, ... não nego o valor intrínseco da obra por deficiências técnicas; somente apontava detalhes...

A. T. — ... que em nada desmerecem o trabalho em virtude de fugirem, totalmente, áquilo a que o autor tomou por escopo: a transmissão de uma mensagem puramente emocional.

J. S. — Realmente ao vermos esta mensagem sentimos a alma transbordar de piedade diante do sofrimento expresso neste olhar. É uma figura humana igual a muitas que vemos em nossas vidas diárias, é... é natural, não é?

A. T. — Exatamente. Eis Escolástico o grande valor da arte fotográfica de hoje.

O nosso amigo definiu em tão poucas palavras. É qualquer coisa igual a muitas que vimos em nossas vidas e nada tem de artificial. É isto caro Escolástico. É isto.

Escolástico positivamente contrariando com o curso dos acontecimentos

(Cont. na página 30)





"MURAL"

Nelson S. Rodrigues — F. C. C. B.
S. Paulo — Brasil

(Do XI.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo)

A CONTRIBUIÇÃO DA FOTOGRAFIA AO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, DA CIÊNCIA E DA CULTURA

Roland BOURIGEAUD

— II —

Continuamos aqui a publicação do estudo e memorial aprovado no último Congresso da Federação Internacional de Arte Fotográfica, para ser encaminhado á UNESCO, sôbre o papel da fotografia no campo das atividades humanas.

3.º — CONTRIBUIÇÃO Á CULTURA

Se a educação pode ser considerada como a base sólida a partir da qual o homem pode se elevar, a cultura, que lhe fez adquirir os conhecimentos necessários, apresenta, num estado superior, um interêsse comparável.

No estudo de tôdas as matérias, a imagem sempre foi considerada como um dos meios mais apropriados para facilitar a compreensão. Eis porque a fotografia tomou, no domínio da cultura, um lugar excepcional. Ela constitue a um só tempo e simultâneamente, um meio de conhecimento, um meio de expressão e uma linguagem universal.

Não existem mais livros de ensino que possam ser impressos sem fotografias acompanhando o texto. Se se trata de história, a vista dos lugares onde, p. ex., se desenrolaram os combates, por vêzes faz mais para a compreensão dos acontecimentos, do que as mais minuciosas descrições literárias. Os retratos dos grandes homens marcam a imaginação. A documentação iconográfica, os objetos, as armas, as insignias, os edifícios, as moedas, dão ás cousas do passado uma vida nova, aproximando-as de nós.

O mesmo se dá e com maior fôrça, para a geografia pois a ilustração dos livros que tratam do assunto se aproxima evidentemente dessas inúmeras fotografias de paisagens, cidades, monumentos e lugares que estamos

habitados a ver hoje em dia em todos os jornais, revistas, e sôbre as cartolinas postais. Melhor ainda, graças á fotografia aérea, foi possível explicar certos acontecimentos históricos mostrando, p. ex., que se os rios podem constituir fronteiras políticas, são as linhas de divisão das águas que constituem geralmente as separações geográficas.

Nem mesmo o ensino das letras deixa de fazer apêlo á fotografia, completando pela visão o que o espírito ou o ouvido poderiam ter alguma dificuldade em assimilar. De um modo geral, em qualquer setor, a projeção fixa, sob o ponto de vista pedagógico, rende serviços, em muitos casos, superiores aos do cinema.

Enfim, não precisamos insistir sôbre o fato de que a contemplação das obras de arte era, há tempos, reservada a uma minoria beneficiária seja pela nascença, seja por circunstâncias diversas, e que ela era por todos os modos interdita, por fôrça das cousas, á imensa maioria das populações. E não são as cópias, feitas á mão, das obras de arte que, malgrado sua abundância e fidelidade, podem difundir com suficiente amplidão, as noções de arte sem as quais um povo não alcançará a plena e total civilização.

A documentação fotográfica espalhou em milhões de exemplares tudo o que o gênero humano criou depois do nascimento do mundo. As crianças

das aldeias mais afastadas, os habitantes das regiões mais desertas puderam admirar as obras primas que teriam ignorado sempre, sem a fotografia.

Mas, como se isso tudo não lhe parecesse suficiente, a fotografia fez também, ela própria, obra creadora. Colhendo nas outras artes gráficas o que lhe poderia convir, traçando regras próprias e utilizáveis unicamente por ela, a fotografia creou uma nova forma de Arte, na qual a inspiração, o talento e a técnica se conjugam harmoniosamente com essa qualidade de veracidade que é seu apanagio incontestável.

A fotografia permite, com efeito, por si própria, as criações mais brilhantes, de um gênero absolutamente particular, d'uma diversidade notável, e de uma flexibilidade e submissão infinitas. Ela está, talvez, privada de algumas vantagens naturais pródigas á outras artes. Mas, por outro lado, ela possui qualidades que lhe são próprias e das quais lhe cabe fazer o maior uso: precisão incomparável da imagem, rendimento surpreendente da matéria, jôgo subtil das luzes e sombras, na representação dos detalhes, ela é incomparável. Que magníficas imagens consegue ela nos dar, com efeito, de tôdas essas cousas que não eram, até aqui, por outros grafismos, senão elementos esparsos, por vêzes confusos, de qualquer representação de conjunto, e que, graças á objetiva, se tornaram de golpe, o centro de atração único da obra, com tôda a surprêsa do detalhe insuspeito, tôda a sensação táctil da matéria, tôda a magia da luminosidade e das meias-tintas. A definição-limite da arte fotográfica poderá, de agora em diante, ser aquela de dar ao mundo exterior uma visão até então desconhecida. Para chegar a tais resultados, a fotografia põe em ação os múltiplos meios de que ela dispõe: os ângulos das tomadas de vista, a determinação da nitidez, a filtração dos raios luminosos, a anamorfose, tôdas possibili-

dades que não pertencem senão a ela.

Estas possibilidades, as empregou igualmente para permitir ao espirito transpôr os limites dos horizontes conhecidos, de fugir aos conceitos habituais ou aos dogmas impostos em matéria de conhecimentos gráficos.

Os antigos ignoravam a perspectiva que descobriu e explorou a Renascença. A fotografia creou, por sua vez, uma forma de perspectiva nova, inatingível aos antigos.

A figuração dos objetos ou dos seres em movimento era realizada até então segundo regras estreitas nas quais o artífice desempenhava o principal papel. A fotografia rompeu o sistema nos dando representações do movimento completamente diferentes e mesmo absolutamente diferentes entre elas, segundo os processos técnicos adotados. É bastante, para nos convencermos, comparar a imagem de um cavalo a galope tomada com uma velocidade de obturador lenta com aquela obtida em um milésimo de segundo.

Ter-se-ia concebido, anteriormente, e salvo raras exceções, representações gráficas cujo ângulo de vista era diferente daquele do espectador comum? Entretanto, que traduções curiosas, imprevistas, por vêzes chocantes e no entanto matematicamente exatas que a fotografia nos doou, transpondo assim o limite do já visto e nos trazendo ao mesmo tempo a demonstração de que o mundo pode se revestir de aparências que nos escapavam até então.

Em resumo, a fotografia permite aos que a apreciam, satisfazer esta necessidade inata que todos os homens possuem de procurar a beleza e o ideal, e ela constitue um meio essencialmente democrático de nos levar para á arte.

4.º — CONTRIBUIÇÃO Á CIÊNCIA

Em sua contribuição á ordem científi-



"HYPERBOLES"

André Longere
França

Do
XI.º Salão
Internacional
de S. Paulo

ca a fotografia põe em ação recursos extraordinários que lhe são especificamente peculiares e que provêm das faculdades particulares dos diversos órgãos que entram na fabricação dos aparelhos, produtos e acessórios fotográficos. Estas faculdades podem ser reunidas em três grupos principais:

a) a fotografia vê objetivamente e não subjetivamente. Insensível ao ambiente moral, ás vicissitudes óticas, como ás perturbações psíquicas, a objetiva fixa o que ela vê, e portanto, o que é;

b) a extensão espectral da visão fotográfica ultrapassa de muito aquela do olho humano, sendo a emulsão sensível a radiações situadas aquém do vermelho e além do violeta;

c) a fotografia permite a exploração do tempo graças á velocidade dos obturadores e ao relâmpago eletrônico, permitindo a decomposição, em seus elementos, d'uma fração de tempo ínfima e imperceptível ao olho humano.

Eis porque, no domínio da ciência, a fotografia tomou uma importância incomensurável e seu imenso campo de ação cresce dia a dia. Não será abusivo dizer que atualmente a fotografia ultrapassou mesmo aqueles que lhes trouxeram tais aperfeiçoamentos.

Seu papel é multiforme: ela fixa o real visível, ela desvenda as realidades ocultas, ela descobre mundos onde nossos olhos não podem penetrar.

Será suficiente enumerar algumas aplicações da fotografia, entre tantas outras aplicações cuja relação não poderá ser estabelecida com precisão, pois se descobrem novas a cada dia:

A fotografia aérea permitiu reformar certos conceitos baseados sobre o exame dos terrenos do ângulo habitual; estabelecer o cadastro com precisão; facilitou a confecção dos mapas, ajudou ao estudo do sol e de sua influência sobre a vida dos homens e seus trabalhos e reciprocamente. Ela permitiu fazer descobertas arqueológicas,

encontrar ruínas sepultadas e cidades submersas nos mares.

A fotografia submarina completou as descobertas marítimas da fotografia aérea; ela nos revelou também a vida intensa dos oceanos, sua fauna, sua flora e sua agitação.

A fotografia subterrânea, graças á luz-relâmpago eletrônica, traz á paleologia o concurso o mais precioso, permitindo trazer á superfície, para serem estudados ou admirados, os testemunhos das maravilhas naturais e dos esboços gráficos dos homens da primeira éra.

A fixação do movimento permitiu o exame de certas particularidades das massas em ação, de sua evolução no espaço, seus ritmos e suas causas e consequências. Ela imobiliza células, projéteis, raios, arremessos de objetos; ela mostra as deformações ocasionadas pela velocidade ou pela percussão, em uma palavra, ela paralisou a cinética.

A fotografia das estruturas nos fez penetrar na substância dos corpos, quer se trate de metais, da textura dos vegetais ou outros elementos, permitindo assim o exame celular, o estudo da evolução, da corrosão, das metamorfoses. A matéria, prescrutada pela objetiva, solta um a um todos os seus segredos dos quais os especialistas extraem as consequências úteis ao progresso humano.

O mundo dos infinitamente pequenos, revelado pelo microscópio, se encontra fixado pela superfície sensível cujas imagens positivas, reproduzidas em tantos exemplares quantos necessários vão juntar-se, nos laboratórios e arquivos de estudos, a outros documentos obtidos por outros meios, com a confrontação dos quais podem ser formuladas regras, leis e conclusões práticas.

O mundo invisível, êle próprio não escapa á objetiva; até agora protegido ciumosamente pela natureza, aparece em sua nudeza, desarmado graças ao poder do olho mágico sensível ás ra-

dições luminosas que não são percebidas pelo nosso órgão visual.

A fotografia aplicada ao estudo do corpo humano, prestou á medicina e á cirurgia, serviços inapreciáveis. Além do registro normal das aparências superficiais, ela desvendou, no mais profundo do sêr, as alterações do organismo, as nomalias funcionais, as fendas das vértebras, utilizando para isso os raios X, as sondas, a fotogrametria. A fotografia da retina, obtida pela conjugação do movimento do iris e a velocidade do registro, permite revelar de maneira infalível, certas taras de origem hereditária sem manifestações exteriores.

As pesquisas astronômicas não são, dóravante, susceptíveis de maiores progressos, a não ser por meio da fotografia, o exame das chapas sensíveis tendo substituído a visão direta do céu, tornada insuficiente. Citaremos, notadamente, o estudo espectrográfico e a Câmara de Wilson que constitue o único meio de conhecimento dos raios cósmicos.

No plano das relações dos homens entre si, a fotografia traz o concurso de sua precisão imparcial: o comerciante ilustra seus catálogos com as fotografias dos objetos que vende; o industrial apresenta imagens das usinas onde são confeccionados; o homem de negócios mostra as fotografias dos imóveis negociáveis; o homem da lei, toma flagrantes dos lugares onde se produziu um acidente, permitindo determinar as responsabilidades desta ou daquela parte.

Enfim, auxiliar da verdade e da justiça, a utilização da fotografia na procura da fraude, na descoberta criminal, falsificações de quadros, emendas ou rasuras sôbre os documentos, traços suspeitos, etc. etc., permite trazer á organização do mundo moderno, um elemento de estabilidade pelo temor que inspira a sua temível e espantosa intervenção.

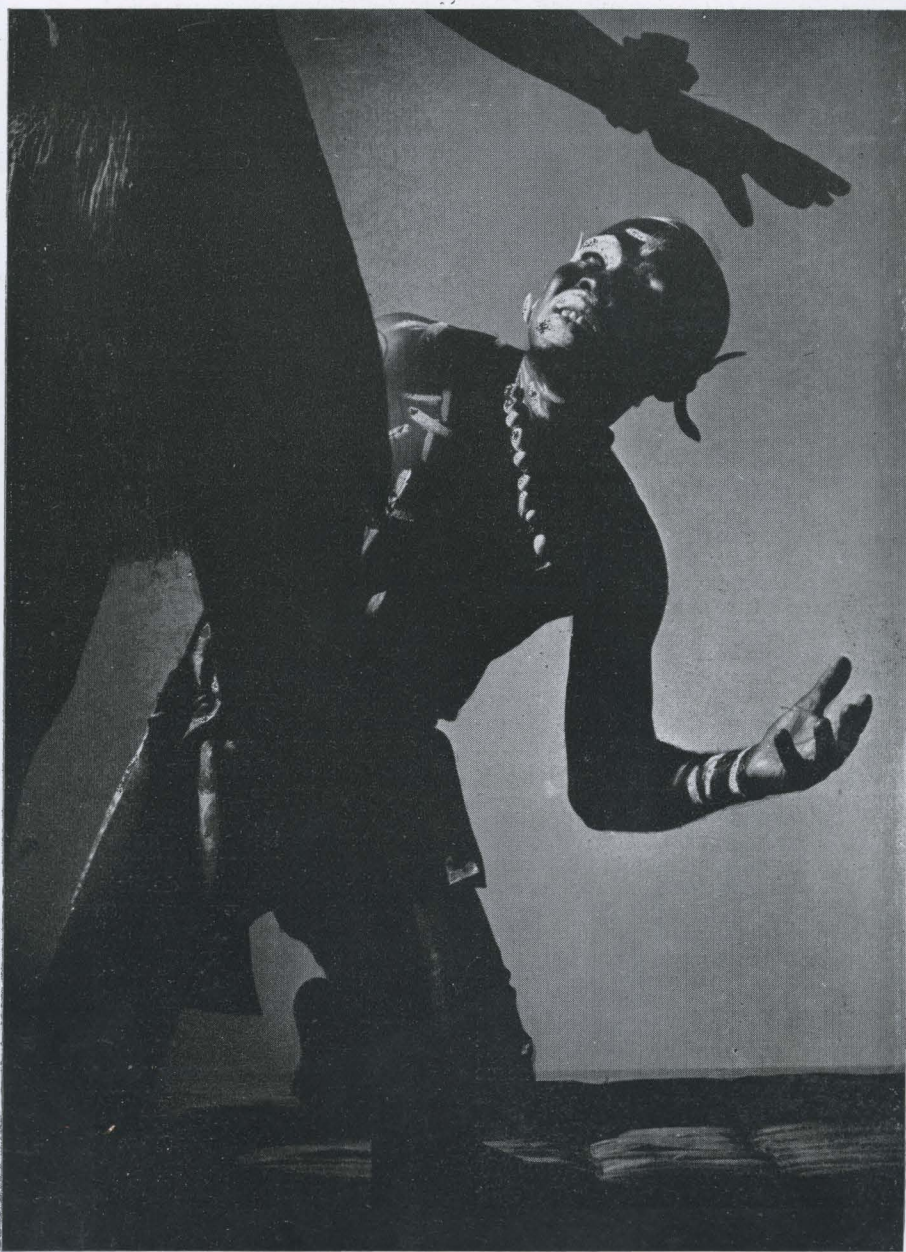
(CONTINUA)



"MAD WOMAN"

Romain Urhausen
(Luxemburgo)

(Do XI.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo)



"DANÇA AFRICANA"

Ed Keffer (A R F P)
Porto Alegre — Brasil

(Do XI.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo)

Do negativo á ampliação

(Adaptado de "VITA FOTOGRAFICA")

ALBERTO GRANDINETTI — S F S

Neste artigo procuraremos expôr, de forma sucinta, como do negativo se atinge a ampliação acabada, procurando exprimir-nos de maneira suficiente á prática do amator.

Antes de tudo, o ampliador: existem muitos, de construção conhecida ou não, mas, contrariamente ao que muitos afirmam, nem todos possuem as características indispensáveis a um perfeito rendimento do negativo que se quer ampliar. Ser tanto exigente com o aparelho de tomada, a revelação do negativo, etc., e depois ampliar com um ampliador que não possua as qualidades correspondentes, não pode conduzir a um resultado perfeito. O ampliador deve ser de construção precisa e manuseável, deve possuir um perfeito paralelismo entre as lentes condensadoras, plano do negativo e sistema ótico, iluminação difusa, lente condensadora simples, ótica de foco igual ou quase igual á do aparelho de tomada. Uma lente condensadora dupla ou uma luz concentrada aumentaria o contraste do negativo, fazendo ressaltar eventuais imperfeições ou arranhaduras no negativo, cousa que é de bom aviso evitar. Como ajustar o ampliador vem, na maioria das vezes, esclarecido nas instruções que o acompanha, mas, para quem não saiba, o diremos em poucas palavras: coloca-se o negativo no porta-negativo e se focalisa projetando-o sôbre uma folha de papel branca, ampliando-o de 13x18 a 18x24; depois, tira-se o negativo e observa-se se a iluminação sôbre o papel é uniforme; caso contrário, desloca-se a lâmpada para cima ou para baixo ou ainda lateralmente até obter a centralização. Quem não possuir vista já habituada, poderá imprimir uma folha de papel sensível e observar se o escurecimento, na revelação, é uniforme.

Ajustado o ampliador, passa-se á fase executiva mais importante: projecção e corte. O amator que nunca executou tal operação não conhece plenamente a satisfação que a paixão fotográfica pode dar. As estatísticas assinalam que apenas 7 ou 8% dos amadores operam completamente por si sós e os restantes, depois de terem apertado o disparador entregam-se

ao gôsto dos laboratórios, que podem ser mesmo bons, mas a maioria das vezes são bem ruins e, em qualquer caso, de nenhum mérito para o autor.

Muitos sustentam que o "corte" da fotografia deve ser executado na tomada; eu digo que não, e para ter a confirmação basta observar o negativo original e a ampliação executada: sempre uma parte do negativo que é eliminada. Durante a tomada pode-se sômente executar uma enquadração máxima e isto principalmente em razão do tempo e do formato do negativo, cujas proporções bem raramente correspondem ao formato ampliado. Mesmo com aparelhos refletores, para ter um corte desde o início, seria preciso operar com um cavalete, fotografar um objeto imóvel, empregar bastante tempo no estudo da enquadração, ter a sorte de não variarem as condições de iluminação e depois ampliar num formato discordante do clássico 30x40, por quanto a proporção do formato levaria a 30x46 ou a 40x40.

Eu sou, portanto, de parecer de que se deve operar durante a tomada com uma enquadração aproximada, isto é, fotografar a golpe de vista, o que se pode fazer sem perda de tempo, principalmente quando se está em viagem ou em comitiva, sem se fazer chamar pelos que esperam e sem perder aqueles detalhes que, por interêsse da cena ou da iluminação, não permitem longa meditação. O verdadeiro corte se faz durante a ampliação e pode-se fazê-lo preventivamente sôbre a prova ou mesmo durante a projecção; o segundo método é preferível, pois pode-se examinar melhor as nuances de luz e sombra em relação á ampliação. É êste o trabalho maior e também o mais atraente: com o simples deslocamento da máscara pode-se observar os diversos rendimentos e efeitos que pode render um negativo que á primeira vista não seria mesmo tomado em consideração, eliminando as zonas supérfluas que poderiam perturbar e dar ao quadro uma linha diversa daquela com a qual foi tomado.

Há algum tempo existiam regras dogmáticas sôbre a enquadração do assunto, diagonais, linha de horizonte, composi-

ções simétricas ou não, importância dos primeiros planos, etc.; no atual estado de cousas, porém, tudo está revolucionado, o modernismo exige cousas novas embora às vèzes de gôsto duvidoso. Quem teria sonhado em gastar um filme e ampliar em 30x40 uma manilha de porta, mesmo com luz irradiante? Entretanto é assim, o belo consiste também naquilo que não se gosta.

Sem nos prolongarmos portanto nos assuntos já muitas vèzes expostos, concluo que o corte é uma prerrogativa puramente pessoal e com êle deve resultar a impressão mais ou menos artística de quem trabalha. Assim, depois de ter mudado de posição o enquadrador e encontrada a enquadração que melhor corresponde ao próprio gôsto, passa-se á impressão. Não será, porém, a primeira vez que depois de ter estudado longamente uma enquadração, chega-se á conclusão de não imprimir porque ainda não satisfaz. Não há mal nenhum nisso; divertimo-nos igualmente e constatamos que aquilo que parecia de tanto interesse artístico antes da tomada, na reprodução fotográfica perdeu toda a sua beleza. Enquadrada, portanto, e posta em foco a imagem, antes de imprimir, deve-se pensar no diafragma. Normalmente, a focalização é feita com a objetiva toda aberta, enquanto que a ampliação é executada com a objetiva diafragmada, sendo que se o negativo é fraco se pode diaframar mais do que com um negativo brilhante. Diaframar serve também para obter um campo coberto mais unipormemente e para prolongar o tempo de exposição, o que permite u'a maior margem sôbre os erros de exposição. Normalmente se diafragma a 4,5 ou 6,3 e excepcionalmente a 9. Dado que o diafragma serve também para aumentar a profundidade de campo, com isso se remedeia uma possível imprecisão no foco. Ultimadas tôdas estas preliminares, vem a escolha do papel e papeis existem muitos com diferentes suportes e várias gradações. Para um negativo bem equilibrado ocorre papel de grao normal enquanto que se o negativo é tendente ao cinza, se necessita de papel de contraste e se excessivamente duro, papel suave. Quanto á tonalidade do suporte deve-se preferir sempre o branco ou, no máximo, o marfim.

No que diz respeito á superfície, notamos nestes últimos tempos uma tendência para o brilhante esmaltado, tendência que já começa a decair; as superfícies brilhantes são mais adequadas aos trabalhos comerciais ou quando se quer pôr em evidência o detalhe do fotograma. No meu modo de ver, a superfície que melhor se

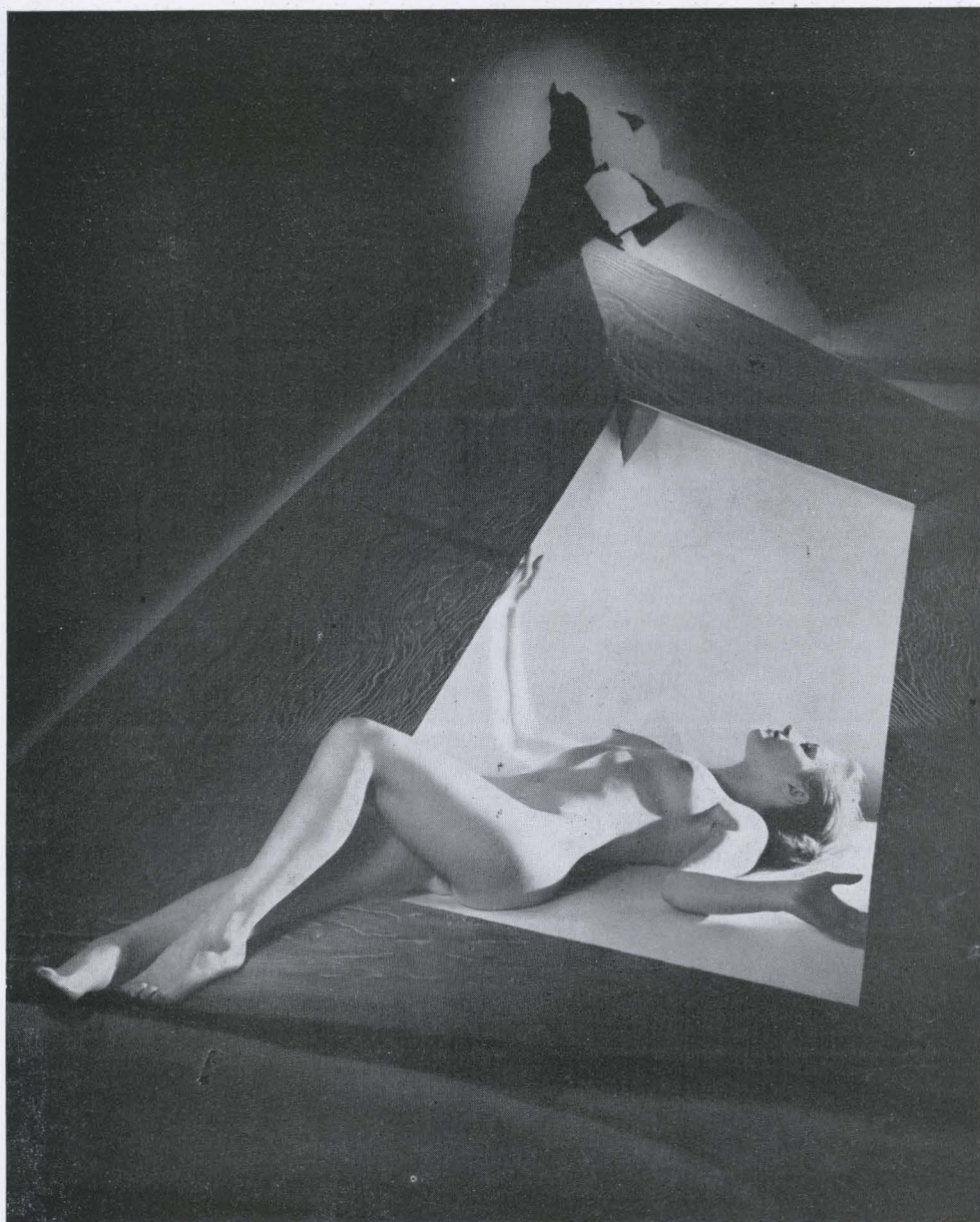
presta a um trabalho fino, é a mate, que com tonalidades mais quentes e o ótimo rendimento das meias tintas, dá um aspecto mais plástico e mais agradável, mesmo se a definição resulta inferior á das superfícies brilhantes. Bons resultados podem ser obtidos também com a superfície denominada "Royal" ou de grão-fino semimate.

Sôbre os reveladores a serem usados a questão é menos importante do que para os negativos; uma fórmula standard a Metol-Iidroquinone dá bons resultados e a revelação sendo controlada pode ser oportunamente variada conforme os resultados que se desejam, variando o tempo de exposição ou de revelação.

Se o operador quer ser mais peciso, para cada qualidade de papel poderá adotar o revelador sugerido pela fábrica. Em geral é suficiente saber que quanto maior o teor de idroquinona e de carbonato, tanto maior será o contraste, e diluindo oportunamente o revelador se obtém resultados mais mórbidos, e que para obter resultados ainda mais mórbidos com negativos duros, pode-se adotar um revelador apenas com Metol. E agora, antes de estragar uma folha 30x40, cousa que sempre desagrada, convem executar uma prova sôbre uma tira de papel que deve ser tirado geralmente do mesmo envelope, pois é comum que os papeis da mesma qualidade mas com número de emulsão diferente, possam requerer leves diferenças de exposição. Sôbre como fazer a tira de prova, alguns sugerem expôr sôbre a mesma tira uma parte do negativo, imprimindo com diferentes tempos de exposição várias porções da tira, e depois expôr definitivamente com o tempo que produziu melhor resultado. Êste sistema, se por um lado permite ganhar tempo, não dá porém resultados precisos, pois as partes de tira impressas se referem a partes de negativo de diferentes intensidades. U'a maneira mais precisa é a de operar com diversos pedaços de papel, mas sempre reproduzindo a mesma zona do negativo; p. ex., no retrato reproduzir os olhos, que formam a parte mais interessante, na paisagem ou no gênero, reproduzir aquela zona onde estão as máximas luzes e as sombras mais profundas para poder estabelecer um bom equilíbrio entre elas.

Estabelecido o tempo de pôse, passa-se a imprimir o papel de grande formato, operação que deve ser feita com celeridade e atenção. Não desleixar nunca com o revelador. Para uma banheira de 30x40 ocorre um litro de revelador, e operar de modo que a cópia seja rápida e uniforme.

(Continua na pág. 31)



"NUDE IN FRAME"

Wellington Lee/
Est. Unidos

(Do XI.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo)



1) O Dr. Pedro Brasil Bandecchi, DD. Secretário da Educação e Cultura da Municipalidade, ao iniciar o magnífico discurso inaugural do certame, tendo ao lado o Dr. Ubaldo C. Carneiro, Repr. do Sr. Prefeito Municipal e atrás, o Dr. José V. E. Yalenti, V. Presidente do F. C. C. B. e destacado expositor; 2) - Em nome das altas autoridades presentes, o Cel. Milton Cesimbra, Chefe do Estado Maior da 2.^a Região Militar, descerra a fita simbólica, entregando o 11.^o Salão à visitação pública.

XI.^o Salão Internacional de Arte Fotografica

Mais um destacado êxito artístico-social colheu o Foto-cine Clube Bandeirante, na noite de 23 do corrente mês de setembro, com a inauguração do seu XI Salão Internacional.

Conforme já tivemos ocasião de acen-tuar, mercê de suas realizações e do alto valor dos trabalhos de seus associados, conseguiu a entidade bandeirante romper, em nossa Capital, aquele clima de indiferença e de incompreensão relativamente á fotografia como meio de expressão artística, que ainda impera em muitos outros lugares.

A arte fotográfica passou assim a ser considerada, não como méra distração ou passatempo, mas como manifestação estética bastante séria, tão séria quanto as demais, com os problemas gerais inherentes a tôdas as artes e os que lhe são próprios e peculiares, cujas soluções sòmente estão ao alcance daqueles que, dotados de verdadeiro temperamento artístico, os estudarem profundamente, com carinho e dedicação.

Tem chamado particularmente a aten-

ção da crítica, o espírito de pesquisa e a liberdade de orientação artística imprime-mida á entidade, não raras vêzes ausentes daqueles trabalhos oriundos de outras plagas. E assim foi que o Salão Internacional de Arte Fotografica de São Paulo passou a interessar não apenas aos estudiosos da fotografia, mas a círculos sociais e artísticos cada vez mais largos, sendo aguardado, todos os anos, com crescente e renovado interesse.

A abertura do Salão tornou-se, assim, acontecimento de relêvo no calendário artístico-social de nossa Capital e isso mesmo pudemos constatar novamente, na solenidade inaugural do último certame. À hora marcada, o hall da Galeria Prestes Maia apresentava-se inteiramente tomado por um público numeroso e seletivo, entre o qual personalidades de relêvo nos nossos meios culturais, artísticos e sociais.

Dentre as inúmeras autoridades presentes, pudemos anotar os Srs. Cel. Milton Cesimbra, Chefe do Estado Maior e Repr. do Sr. Gen. Comte. da 2.^a Região



1) - O "Camera Club de Santo André" ofereceu ao F. C. C. B., por intermédio do Sr. Arnaldo M. Florence, artístico cartão de prata, alusivo ao acontecimento; 2) - Os Srs. Cel. Milton Cesimbra, Pedro Brasil Bandecchi, Ubaldo C. Carneiro e demais autoridades percorreram demoradamente a exposição. Vemo-los no clichê, acompanhados respectivamente, pelos diretores do F. C. C. B., Dr. Jacob Polacow, Eduardo Salvatore e Aldo A. Souza Lima.

Militar, Dr. Ubaldo C. Carneiro, Repr. do Sr. Prefeito da Capital; Dr. Pedro Brasil Bandecchi, Secretário da Educação e Cultura da Municipalidade, que se fazia acompanhar de seus oficiais de gabinete, Sr. Francisco Losso, Repr. o Dr. Francisco Pati, Diretor do Dept. de Cultura, Sr. Rene Schoeps, Pres. do Camera Club de Sto. André e Repr. do Sr. Fioravante Zampol, Prefeito Municipal daquela cidade, Vereador Nicolau Tuma, representantes consulares, além das delegações de várias entidades fotográficas como o Camera Club de Sto. André, a Ass. Brasileira da Arte Fotográfica do Rio de Janeiro, F. C. Ribeirão Preto, F. C. Aracoara, e F. C. C. Campinas, esta chefiada por seu Presidente, Sr. Alexandre Messias.

Pronunciou o discurso inaugural o Dr. Pedro Brasil Bandecchi, Secretário da Educação e Cultura da Prefeitura Municipal, o qual, em brilhante improviso, sa-

lientou o valor dessa realização do F. C. C. Bandeirante e o papel que ela desempenha no aperfeiçoamento e elevação da cultura popular.

"Este salão é uma surpresa para mim — acrescentou S. Excia. — porque conhecendo a arte fotográfica, não em suas minúcias, mas superficialmente, não poderia imaginar que viria encontrar, nesta Galeria, tantas manifestações verdadeiramente artísticas.

Realmente a fotografia não é a simples fixação mecânica da imagem, mas a manifestação, segundo penso, de um temperamento artístico diante de uma inspiração. Noto aqui expressões magníficas e mais me convenço de que é possível, através desta arte, levar-se á sensibilidade de cada um algo que possa falar á nossa própria sensibilidade."

Exaltou ainda o orador o duplo papel

O elemento feminino contribuiu para dar á festividade aquele aspecto dos grandes acontecimentos sociais. Nos clichês, 1) as Sras. Helena Rocha, Doris Albuquerque, Menha Polacow e a expositora Srta. Barbara Mors; 2) - Sra. Ruth Liger e casal Euclides Machado; 3) - Sras. Hebe Manarini e Heloisa Moraes Barros.





Personalidades de relêvo em nossos meios culturais, sociais e artísticos prestigiaram com sua presença a importante mostra. Vemos nos clichês: 1) - O Prof Oscar Campiglia, Chefe da Secção de Arte do Dept. de Cultura da Reitoria da Universidade de S. Paulo, com o escultor Prof. Vicente Larocca e o Dr. Osmani Emboaba, Pres. do F. C. C. de Ribeirão Preto; 2) - O Vereador Dr. Nicolau Tuma, com o conhecido expositor, F. Albuquerque e 3) - O Sr. Robert Bougeard, Secr. do Consulado da Bélgica, em palestra com o Sr. Francisco B. M. Ferreira, Membro do Conselho Deliberativo do F. C. C. Bandeirante.

que desempenha o Salão, como manifestação puramente artística, e como meio de intercâmbio e aproximação entre os povos:

“Através da representação de 28 países neste interessante certame, poderemos ainda ter uma idéia de como é possível a aproximação e o entendimento entre os povos mais diferentes. A arte fotográfica está, realmente, realizando algo que muitos pretendem realizar através de discursos inexpressivos.”

Terminando, sob grande salva de palmas, congratulou-se S. Excia., com o F. C. C. Bandeirante, declarando, em nome do Sr. Prefeito da Capital e demais autoridades, inaugurado o certame.

A seguir, em nome do Camera Club de Sto. André, o Sr. Arnaldo M. Florence fez entrega ao Bandeirante, na pessoa de seu presidente, de artístico cartão de prata,

em reconhecimento ao auxílio e incentivo que essa entidade tem recebido do F. C. C. Bandeirante.

Agradecendo a dádiva, bem como a presença das autoridades e demais pessoas gradas, falou por último o Dr. Eduardo Salvatore, Presidente do F. C. C. B., após o que o Cel. Milton Cesimbra, descerrando a fita simbólica, fez entrega da exposição á visitação pública.

Estava inaugurado o XI Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, certame que veio confirmar, mais uma vez, o alto prestígio e renome de que goza a entidade bandeirante em todo o mundo, atraindo os mais eminentes fotógrafos nacionais e estrangeiros, cujos trabalhos foram objeto dos mais elogiosos comentários por parte dos presentes.

Mas, isto é outro assunto, e sôbre êle tem agora a palavra, a crítica especializada.

Figuras conhecidas nos meios artísticos-fotográficos nacionais, compareceram também á exposição. Nos clichês, 1) - A Sra. Dr. Osmani Emboaba e o Prof. Zeferino Vaz, do F. C. C. Ribeirão Preto; os bandeirantes Plínio S. Mendes e Gaspar Gasparian e 3) - Os srs. Eugênio H. Lucena da A. B. A. F., e o conhecido reporter Sascha Harnisch, do Rio de Janeiro, em palestra com o Presidente do F. C. C. Bandeirante.



"O PASSADO"

Oldar Froes Cruz — ABAF

Rio de Janeiro — Brasil





"LUMIERE FUGITIVE"

Philippe Bonaventure

Bélgica

Carta de Notícias

por RAY MIESS

(nosso correspondente nos Estados Unidos)

Desde minha última carta realizei uma proveitosa visita ao México, onde estive presente à convenção do Rotary Internacional, em Maio último. Três amigos, membros da PSA, Manuel Ampudia, Mario Cabaté e José Turu enquanto estive lá desdobraram-se para fazer a minha estadia a mais agradável e proveitosa na sua bela cidade e um prazer para ser lembrado por toda minha vida. Fui convidado de honra em suas casas, seus automoveis estiveram sempre ao meu dispôr para as visitas aos arredores, e fui convidado de honra do Club Fotografico de México. Eles possuem uma esplêndida séde, cinco laboratórios inteiramente equipados, uma sala de jantar, uma cozinha, biblioteca, sala de projeções para cinema e diapositivos, salão para exibição de 500 fotografias montadas. O quadro social apresenta 500 membros e estão preparando a inauguração de seu primeiro Salão Internacional para novembro.

A Convenção da PSA em Nova York foi um completo sucesso. Mais de 1500 membros estiveram presentes, com as representações do Canadá, Cuba, México e Hong Kong. O banquete de honra é realizado na última sessão noturna e nessa oportunidade são homenageados vários membros como reconhecimento pelas destacadas realizações que concretizaram na fotografia. Entre estes homenageados se destacam seus próprios e famosos amigos José Oiticica Filho, do Rio de Janeiro e

Manual Ampudia, do México. Ambos receberam o título de Associado, podendo agora usar a distinção APSA em seguida aos seus nomes. Fiquei muito feliz por ver estes dois dignos membros da América Latina receberem esta honra muito especial, Oiticica por seu já mundialmente famoso pitorialismo e Ampudia por seu trabalho organizador fotográfico e sua habilidade pictórica.

O famoso fotógrafo Francis Wu, de Hong Kong esteve lá, realizou um ótimo discurso no programa, foi distinguido com o título Honorário da PSA, e depois da convenção realizou uma série de conferências pelos Estados Unidos que durou oito semanas. Ele esteve aqui em Milwaukee, no dia 15 de setembro e pronunciou uma interessante palestra para mais de uma centena de pessoas, exibindo na ocasião cerca de 50 das suas famosas fotografias.

Outra parte interessante do programa da convenção foi uma saudação gravada em fita magnética e que foi reproduzida aos presentes, contendo cordiais expressões de um grupo da PSA na Nova Zelândia e outro na Australia.

O uso das gravadores de fita está se tornando de grande importância para as atividades do PSA. Utilizamos os mesmos para várias conferências no país e uma delas foi feita em espanhol, referente à coleção de 100 fotografias da PSA e que realizada por Elwood Armstrong, FPSA, de Detroit, foi enviada ao Club Fotografico de Mexico.

Espero que o futuro nos possibilite enviar aos amigos do Brasil alguma coisa semelhante.

Meus sinceros cumprimentos.

Destacadas personalidades da P. S. A., posam para o Boletim, durante a última convenção. Da esquerda para a direita, os Srs. Gene Chase, Stella Genks, Secretária, nosso correspondente Ray Miess, eleito para o cargo de "Chairman" da "Pictorial Division" e Leed Reed, tesoureiro.



O XI.º Salão na Camara Municipal...

Dentre as personalidades presentes á inauguração do XI Salão Internacional de Arte Fotográfica, contava-se também o nobre Vereador Dr. Nicolau Tuma, o qual, entusiasmado com o que lhe foi dado observar, no dia seguinte, em sessão da Câmara Municipal, solicitou a inserção em ata de um voto de louvor ao F. C. C. Bandeirante por mais essa realização. Do Diário Oficial de 26 do corrente, transcrevemos as palavras que S. Excia. então pronunciou, aproveitando a ocasião que se nos oferece para, em nome da Diretoria e associados do F. C. C. B. agradecer áquele brilhante edil, sem favor uma das mais lúcidas culturas a serviço da causa pública, as lisongeiras referências e o interêsse demonstrado pelas realizações e atividades do F. C. C. Bandeirante.

Foi o seguinte o discurso pronunciado na Câmara Municipal, pelo Dr. Nicolau Tuma:

— Sr. Presidente, srs. Vereadores.

Confesso que foi um pequeno lapso de minha parte não ter apresentado durante a hora do Expediente um Requerimento que, desde ontem à noite, me ocorreu submeter à consideração desta Câmara, no sentido de se consignar na Ata dos nossos trabalhos de hoje um voto de congratulações com o "Foto Cine Clube Bandeirante", pela inauguração do XI Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, que se verificou ontem, às 20,45 horas, e que contou com a presença do ilustre sr. Secretário da Educação e Cultura desta Prefeitura, dr. Pedro Brasil Bandecchi. Estou em tempo, entretanto, de poder corrigir o lapso e trazer aqui, sr. Presidente, a minha palavra de entusiasmo pelo que me foi dado observar na visita que fiz ontem, à noite, à exposição que se realiza na Galeria Prestes Maia. Trata-se de um certame que apresenta

trabalhos dignos de encômios e da nossa admiração, devendo, portanto, o Foto Cine Clube Bandeirante merecer de parte da Prefeitura, de parte do Estado, um amparo mais efetivo e um estímulo à continuação da sua benemérita obra de incrementar entre nós o estudo de tudo quanto se refira à obras de arte produzidas pelas objetivas das câmeras.

Devemos ressaltar aqui o trabalho desenvolvido pelos dirigentes do Foto Cine Clube Bandeirante, entre os quais cumpre-me destacar o do seu presidente, dr. Eduardo Salvatore, e de outros diretores como os srs. Arnaldo Florence, Francisco Albuquerque, Aldo de Souza Lima, José Ialente, Jacob Polacow, dr. Valêncio de Barros, Antonio da Silva Victor, Angelo Francisco Nuti, Guilherme Malfatti e, também, cumpre-me destacar obras de real valor dos diretores e conselheiros, bem como dos srs. Otsuka, Roberto Yoshida e Kawahara.

Visitando, Sr. Presidente, a exposição da Galeria Prestes Maia, sentimo-nos no dever de trazer êste nosso testemunho à tribuna da Câmara Municipal para conhecimento dos nobres Vereadores desta Câmara, a fim de se aquilatar do grande esforço desenvolvido pelos artistas da objetiva desta nossa cidade de São Paulo e pela comparação que podemos fazer entre as obras dos artistas patrícios e as apresentadas pelos representantes de nações onde essa arte tem um desenvolvimento mais amplo e um culto mais antigo, como a Alemanha, Suécia, Estados Unidos, Bélgica, Itália, França e outros países onde os trabalhos fotográficos vêm merecendo uma atenção tóda especial. Renovo, pois, minha palavra de entusiasmo e estímulo aos organizadores do 11.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo. Cumpre-me, também, alertar a Comissão dos Festejos do IV Centenário para um ofício que o Foto Cine Clube Bandeirante lhe remeteu há meses, oferecendo graciosamente a sua colaboração no sentido de prestigiar os festejos comemorativos da data magna de São Paulo, a sua colaboração no sentido de

fixar, pela objetiva, através fotografias artísticas, aqueles aspectos mais interessantes e pitorescos de São Paulo, que pudessem servir também à propaganda da nossa cidade no exterior e à propaganda da nossa cidade no grande Salão Internacional, que se pretende realizar em 1954, na Capital.

Não posso compreender como a Comissão dos festejos do IV Centenário de São Paulo se desinteressasse pelo oferecimento gracioso do Foto Cine Clube Bandeirante, de colaborar decisivamente para o maior brilho dos Festejos do Centenário desta nossa cidade de São Paulo através a técnica de seus integrantes, e para que sejam fixados pela objetiva de nossos amadores e profissionais aqueles panoramas e aqueles aspectos que façam São Paulo conhecida no mundo todo como uma grande cidade, como a 13.^a ou 14.^a cidade em população no mundo, e aquela cidade que mais progride no atual momento em toda a Terra. Ora, Sr. Presidente, Srs. Vereadores, um oferecimento da categoria dêsse feito pelo Foto Cine Clube Bandeirante não pode permanecer nas gavetas da Comissão dos Festejos do 4.^o Centenário, enquanto se sabe que os trabalhos técnicos e profissionais de outros cidadãos estão sendo contratados.

É esta estranheza, sr. Presidente, que motiva esta interpelação ao Executivo Municipal no sentido de saber-se se a Comissão dos Festejos do IV Centenário pretende ou não aceitar o oferecimento do Foto Cine Clube Bandeirante e, ao mesmo tempo, oficializar o grande Salão Internacional que está sendo projetado para abrilhantar ainda mais os festejos do IV Centenário, em 1954.

É preciso destacar-se o trabalho dos nossos amadores e profissionais, o cunho artístico das suas obras, as quais compara-

das às dos países onde se cultiva há mais tempo a arte fotográfica, sinceramente, nada lhes ficam a dever, sabendo-se, anda, o alto custo do material empregado e a dificuldade de se encontrar material adequado aos trabalhos que foram apresentados nesse salão. Assim, pois, após estas nossas palavras, esperamos que a Comissão do 4.^o Centenário responda prontamente ao oferecimento do Foto Cine Clube Bandeirante. Espero, também, haver traduzido o entusiasmo e o estímulo da Câmara Municipal de São Paulo pelo trabalho patriótico desenvolvido pelos diretores, conselheiros e sócios do Foto Cine Clube Bandeirante.

Vendo e Ouvindo... (conclusão)

procurava uma saída mas somente a encontrava nas atitudes cada vez mais altaneiras e pretenciosas. A inocente observação de J. S. foi o ponto culminante de seu descontentamento. Faltando-lhe os argumentos julgou melhor pospor a continuação da visita ao Salão. Prestando uma hora marcada combinou com seus dois companheiros um próximo encontro, cuja data anotei, despediu-se e afastou-se. J. S. e A. T. em animada palestra dirigiram-se à saída e se perderam através do retângulo iluminado que, lentamente se foi esfumando, se reduzindo, se materializando até que deparei com uma nova folha de meu diário em que anotava, já no mês de Outubro, um próximo encontro com Escolástico, A. Tual e João da Silva...

(continua)



FUNDADA EM 1903

Fischetti & Rossi Ltd.

Casa Beethoven

MUSICAS • PIANOS
RADIOS • DISCOS
INSTRUMENTOS
PAPELARIA
REFRIGERADORES

LARGO DA MISERICORDIA, 36 - FONES 32-0303 - 33-6510 - CX. POSTAL 348 - S. PAULO

Do Negativo a Ampliação (conclusão)

mente coberta. Tocar o menos possível no papel, pois o próprio calor dos dedos pode provocar manchas que inutilizam a cópia, habituar-se a interpretar os tons á luz enganosa da lanterna de laboratório e retirar a ampliação no momento justo para emergí-la por pouco tempo em água corrente ou em banho interruptor antes de passá-la ao fixador.

Geralmente, todos os papeis ao bromuro ou clorobromuro, salvo casos especiais, devem estar revelados no tempo de um ou dois minutos e fixar-se depois durante 10 minutos. A lavagem final, nunca menos de meia hora e preferivelmente por maior tempo, contribue para a boa conservação da cópia. Não falei como se pode compensar, durante a impressão, as pequenas falhas de equilíbrio da iluminação do negativo, porque são detalhes que se adquirem com a prática. Em outra ocasião, direi alguma cousa sôbre o retoque do positivo, cousa que muitos amadores gostariam de praticar.

E ao concluir esta modestíssima "conversa" peço desculpas aos mestres se o que escrevi é muito "magro"; escrevi principalmente para os que iniciam e não para os que sabem e sôbre um tema no qual não se conseguiria ser exuberante nem mesmo escrevendo um volume inteiro.

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

XII Salão de Salta, Argentina, 1952 — "Últimos vestígios" de M. Fiori; "Amigos" de G. Lorca; "A caminho da ilha" de E. Machado; "Tôpo florido" de G. Malfatti; "Recanto" de B. Mors; "Arabescos" de A. F. Nuti; "A verdureira" de M. Otsuka; "Bruma matinal" e "Tranquilidade" de F. Palmerio; "Madrugadores" de J. Polacow; "Sombras" de C. Pugliese; "Quietude" e "Jornada gris" de E. Salvatore; "Portrait I" de A. Souza Lima; e "Aridez" de A. S. Victor. — Total: 15 trabalhos.

V. Exposição de Coimbra - 1952 — (Grupo Camara) — Admitidos: "Beldade agreste" e "Marcha-ré" de F. Albuquerque; "Arquitetura" de M. Fiori; "Garotos" de Newton Fiori; "A união faz a fôrça" de A. M. Florence; "Crisandalias" de G. Gasparian; "Confidências" e "Repouso" de M. Giró; "Vitrina de domingo" e "Bocejo" de K. Kawahara; "L'eau fume" de J. Lecocq; "Cenas quotidianas" de G. Lorca; "Domingo de marinheiro" de P. S. Mendes; "Sem destino" de A. F. Nuti; "Curiosidade infantil" de M. Otsuka; "Pescadores" de E. Salvatore; "Lawrence Winthers" e "Trajédia" de A. Souza Lima. Total: 18 trabalhos.

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1952

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1952, e aos quais o F. C. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consórcios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entidades congêneres

que mantêm intercâmbio com o F. C. C. B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, á relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º de ordem	N.º do Salão	Denominação — Local — País	Data da Remessa	Encerramento Inscrições
28	15.º	Springfield - EE. UU.	10 Outubro	4 Dezembro
29	16.º	Birmingham - Inglaterra	15 Outubro	13 Janeiro
30	20.º	Campinas - S. P.	15 Outubro	30 Outubro
31	2.º	Cuba - Havana - Cuba	20 Outubro	5 Dezembro
32	16.º	S. Carlos - S. P.	20 Outubro	31 Outubro
33	11.º	Portugal - Lisboa - Portugal	31 Outubro	31 Janeiro
34	6.º	South-African - Johannesburg - África	5 Novembro	15 Março
35	6.º	Albert I - Charleroi - Bélgica	15 Novembro	10 Fevereiro
36	3.º	Marilia - S. P.		
37	57.º	Wilmington - EE. UU.	20 Novembro	14 Janeiro
38	2.º	Filadelfia - EE. UU.	10 Dezembro	10 Fevereiro
39	22.º	Boston - EE. UU.	10 Dezembro	19 Fevereiro
40	17.º	Beograd - Yugoslavia	12 Dezembro	
41	40.º	Pittsburgh - EE. UU.	20 Dezembro	20 Fevereiro
42		Mendoza - Argentina	30 Dezembro	15 Fevereiro
43	12.º	Western - Bristol - Inglaterra	10 Janeiro	16 Abril
44	7.º	Barcelona - Espanha	10 Janeiro	1 Abril
45		Seattle - EE. UU.	15 Janeiro	10 Março
46		Louisville - EE. UU.	20 Janeiro	

GERMAN LORCA

fotógrafo

Av. IPIRANGA,

1248 - 8.º - fones:
35-6451 - 9-6676

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anúncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anúncio mensal será gratuita.

ACESSÓRIOS PARA FILMADOR — vende-se 1 objetiva Wollensak 1:2,7; 1 tele-objetiva Chenar, 1, 4, 5; 1 tele-objetiva Elgeet, 1:2,9; e 4 chassis de cem pés para Kodak Especial. Tratar com o Sr. PRUDENTE, pelo fone: 51-3981.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, tôda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc.. Não aceite imitações. FONTAMAC, R. Francisca Miquelina, 190 - Fone 33-5628.

INDICADOR PROFISSIONAL F. C. C. B.

ARQUITETURA

DR. GUILHERME MALFATTI
Rua Marconi 53, 9.º and. s/904 - fone: 34-2976

DESPACHOS

GERMAN LORCA
Contador - Despachante
(cart. 6607 sp. e 257 SP)
legalização de estrangeiros no país e despachos em geral — Av. Ipiranga, 1248 - fone 35-6451.

DIREITO

EDUARDO SALVATORE
(advocacia civil e comercial)
Praça de Sé 313 - 2.º and. s/19 - fone:33-5404

JOAQUIM DA SILVA MENDES
(Advocacia Trabalhista)
Rua São Bento 181, 3.º and. - fone: 32-0012

FOTOGRAFIA

FRANCISCO ALBUQUERQUE
(Retratos, fotografia industrial, etc.)
Av. Rebouças, 1700 - fone: 8-7650

IMOBILIÁRIA

DR. ALFIO TROVATO
Rua Quintino Bocaiuva 231, 5.º and., s/34
(Transações Imobiliárias em geral)

MEDICINA

DR. ARMANDO NASCIMENTO JR.
(Molestias de Senhoras)
Av. Brigadeiro Luiz Antonio 1234
fones: 35-1899 e 32-2902

DR. FREDERICO SOARES DE CAMARGO
(Doenças do coração)
Rua José Bonifácio 250, 12.º and. - fone: 33-5424

DR. PAULO MINERVINI
(Molestias do pulmão - Raio X)
Rua 7 de Abril 176, 7.º and. - fone: 34-9614

ODONTOLOGIA

DR. CARLOS LIGER
(Cirurgião-Dentista)
Dentaduras Anatômicas, Pontes Moveis, Coroas de porcelana Jacket - Raios X.
Rua. B. de Itapetininga 50, 2.º and., s/201/208
Fone: 34-2655

SEGUROS

ALDO A. DE SOUZA LIMA
(Seguros Gerais)

Rua Boa Vista 236, 3.º andar
Fones: 32-7580 e 33-3228

J. J. ROOS
(Seguros Ramos Elementares)
Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar - S. Paulo
Fone 32-3161 (Rêde Interna)

VÁRIOS

TUFY KANJI
(Camisaria Kanji - camisas sob medida - Artigos finos para cavalheiros).
Rua 7 de Abril 415 - fone: 34-8203



SALA DE ESTAR



SALA DE EXPOSIÇÕES



STUDIO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr. \$
Joia de admissão	200,00
Mensalidade	40,00
Taxa extra mensal pró-séde própria	10,00
Ánuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ..	600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

★

SÊDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

—

S. PAULO, BRASIL



CONCURSOS INTERNOS



EXCURSÕES

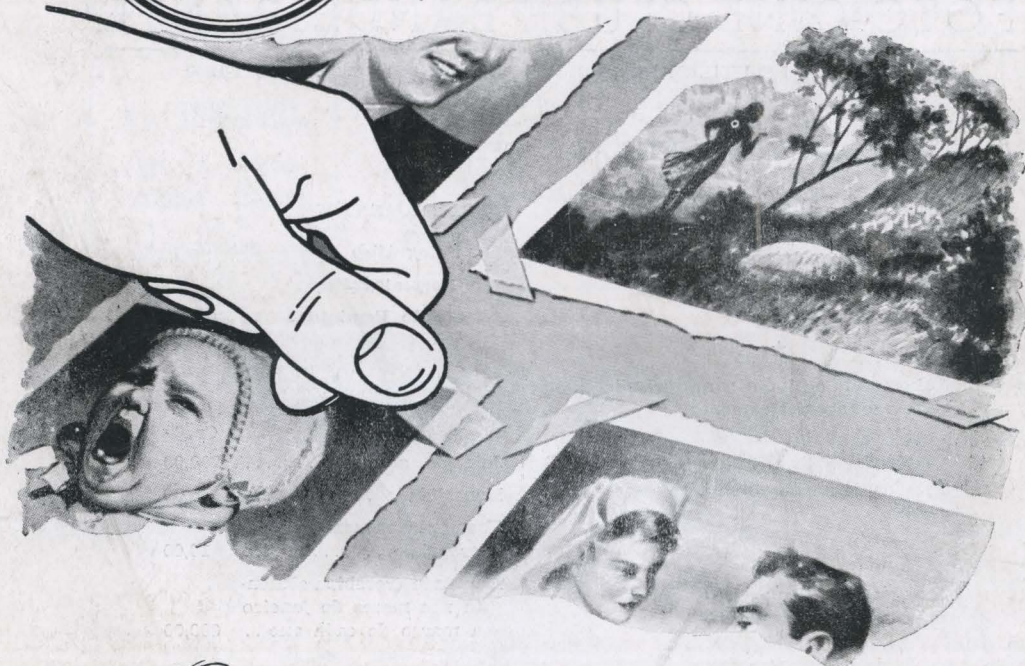


SALÃO INTERNACIONAL



FILM

**guarda para sempre
os momentos felizes...**



Sim. Guarde para sempre os momentos de felicidade... para recordá-los, amanhã, no seu álbum de fotografias. Mas tenha o cuidado de preferir sempre um "bom filme" para obter, também, melhores fotos. Prefira todo material fotográfico e cinematográfico Gevaert, mundialmente famoso pela sua qualidade.

Gevaert

filmes



Chapas — Papéis

14.010

À venda nas melhores casas do ramo